ANNO 8.º — Sexta-feira, 10 de Setembro de 1915 — NUMERO 387

O DEMOCRATA

SEMANARIO REPUBLICANO RADICAL D'AVEIRO

DIRECTOR E EDITOR
Arnaldo Ribeiro

Propriedade da Empresa

Oficina de composição, Rua Direita—Impresso na tipografia de José da Silva, Praça Luiz de Camões—AVEIRO

Redacção e Administração, Rua Direita, n.º 54

(AVENÇA)

Muito gràve

Bem diziamos nós quando afirmámos que o caso do digno capelão de cavalaria 8 era suficientemente tipico, e, para não ser unico, já vinha a caminho, a essa data, para esta cidade e outros pontos do país, nova remessa das famosas confidenciaes do quilate daquela que o padre Barbosa recebêra!

Se algumas delas foram endereçadas a quem se não mostrou até hoje espalhafotoso defensor do regimen, podemos garantir que tambem alguem que as recebeu nunca teve uma palavra ou um gesto ofensivo das instituições.

Crêmos justificadamente que a lei não pretende averiguar da intima consciencia de cada um ou das suas simpatías por este ou por aquele principio e que nunca tenham sido exteriorisadas.

A lei procura os inimigos manifestamente conhecidos das instituições. Quantos, sem rebuço, as ofendam por actos e por palavras, para esses é que a lei se fez e sobre eles deve ela caír fria é desapiedadamente.

Necessário, porém, se torna, em nome dos mais rudimentares principios da moralidade do regimen, que por simples suspeição ou por velhacas e infames delações se não enxovalhe e véxe quem, se até agora não quebrou lanças pela nova fórma de governo contra ela nunca proferiu, egualmente, uma palavra nem escreveu uma letra.

Não nos reconhecemos autorisados a referir o nome daqueles oficiaes, tanto de infanteria como de cavalaria, que acabam de receber a fantastica e já tipica *confidencial*.

Alguns deles reputamo-los nós homens de bem, militares cumpridores, firmes no seu posto, acatando a disciplina e a lei, alheios por completo a politica ou a parcialidades partidarias.

Sempre assim os temos visto ha largos anos e ficamos com esta natural suspeita: se será *por isso* que possam ser considerados inimigos do regimen.

Outros são recentes entre nós, com as suas qualidades de verdadeiros soldados afirmadas no desempenho da sua missão e na orientação dos seus actos.

Não serão republicanos?

Ignora-se o que sejam, de positivo; mas o que ao cérto se conclue é que teem a dignidade precisa para não descerem ao pacto degradante e vil duma conjura contra a sua Patria.

Conhecemos muitos homens, monarquicos de pricipios, mas que sacrificam á grandeza da Patria os seus sentimentos politicos.

A Historia regista muitos desses casos: Thiers, em França; Rio Branco, no Brazil, por exemplo.

E, contudo, qualquer destas duas republicas aceitou os serviços, que não foram poucos, aos dois monarquicos, que acima de toda a paixão politica colocaram *os altos* interesses da Patria!

Não se deduza destas palavras que somos apologistas da impunidade para quantos, manifestando o seu odio ao regimen, enfileiram nas intentonas e procuram todos os ensejos de ferir as instituições. Mas francamente: não podemos tolerar actos da natureza daqueles que referimos, véxando e vilipendiando republicanos autenticos, e ainda outras individualidades que se se não exibiram em manifestações publicas, não tivéram tambem até hoje uma só palavra de inimizade ou de censura para a Republica!

Não compreendemos como, pretendendo estabelecer-se, aliás justissimamente, uma forte corrente de aproximação e fraternidade entre a familia militar, que a desgraçada e vergonhosa ditadura Pimenta de Castro tão profundamente dividiu, de novo não só se lance entre ela a discordia e a desconfiança, como tambem se acirrem paixões, creando justificados despeitos e profundas razões de queixa.

Não nos bastam palavras retumbantes na imprensa oficiosa nem discursos floridos pelos afamados estilistas da época.

Os atuaes homens da Republica ou a dignificam na prática de acções que apenas nobilitem o regimen ou terão de ser substituidos por outros, menos rétoricos, mas que tenham, contudo, pela Justiça, pela Honra e pelos direitos alheios o respeito e o amor que lhes devem ser inerentes.

A teoría de frei Tomaz cáe pela base na época presente e a tantos quantos peçam ou digam da sua justiça ha o direito indeclinavel de serem superiormente atendidos.

Egualdade perante a Lei!

Eterna utopia.

Emquanto os mais ferrenhos jornaes, alguns deles considerados até mentores da situação, transcrevem e comentam as cartas diarias do sr. Alpoim, para provarem até onde vai e chega o talassismo impenitente do antigo ministro progressista, velho comediante muito conhecido no palco politico nacional, chegando ainda a logicas conclusões de conivencia nos ultimos movimentos insurrecionaes, não pedem para ele a justificadissima aplicação da Lei creada para os que, como no caso presente, não merecem a confiança do regimen, que tem por obrigação defender-se!

Não pedem.

Contudo cremos bem que a comissão da guerra, atacada duma *nevrose* perigosa e com tendencias a agravar-se, não põe termo á expedição de *confidenciaes*, que por alguns exemplares ultimamente recebidos, sabemos já terem sido expedidas em numero aproximado de trezentas!

Vai tudo a eito, desculpem-nos o plebeismo.

Mas tal vertigem é perigosa, é vexatoria, é indigna!

Ofende e agrava mais o regimen que quantos sentimentos a ele adversos possam sugerir no seio dos que o combatem.

Ao governo e, nomeadamente, ao sr. ministro da guerra, cumpre intervir neste caso, que é gràve, muito gràve mesmo, e do qual nos consta ter já produzido resultados nada tranquilisadores nomeadamente da parte dos que são imerecida e indignamente vexados e ofendidos.

Não póde ser!

Não o póde consentir a grandêsa da Republica para que ela se não envergonhe de quanto no futuro possa dizer a justiça imanente da Historia!

A POLICIA

Não nos sobra hoje tempo nem espaço para tratar do modo como se está recrutando gente para fazer parte do corpo de policia civica distrital, mas fa-lo-emos para a semana conscios de que tanto o atual Comissario como o sr. Governador Civil hão-de intervir a tempo de obstar á transformação do comissariado num hospicio de invalidos.

Falaremos.

Films . . .

Este, sim

E' sabido de toda a gente que ao bravo tenente Aragão se quiz pagar os seus serviços em Africa, promovendo-o, por distinção, ao posto imediato após ter-se conhecimento da maneira como se comportou o brioso oficial no combate de Naulila entre portuguêses e alemães. O Parlamento chegou a votar uma lei especial com a referida promoção, mas o ilustre militar apenas déla têve conhecimento apressou-se a enviar á Câmara o seguinte oficio:

Ex.mo Sr. Presidente da Câmara dos Deputados.—Francisco Xavier da Cunha Aragão, tendo sido promovido ao posto de capitão do exercito pelo poder legislativo, e

Considerando que, tendo apenas cumprido com o seu dever, não se acha com o direito á distinção que lhe foi dada;

Considerando que foi promovido sem apresentação do relatorio do sr. tenente-coronel Roçadas, comandante da coluna de operações, sob cujas ordens serviu;

Considerando que, não estando disposto a pôr nos braços os galões de capitão, lhe sería penoso desobedecer á lei que o promoveu;

Considerando que por todos estes motivos está inibido de accitar a promoção.

Vem rogar a V. Ex.ª se digne apresentar este requerimento á Câmara, a fim de que, reconsiderando na lei que promoveu a capitão o tenente de cavalaria Francisco Xavier da Cunha Aragão o anule, permitindo a este oficial a continuar a servir o exercito da Republica. — Lisboa, 1 de Setembro de 1915— Saude e Fraternidade. — *Francisco Xavier da Cunha Aragão.*

Este, sim, é dos nossos.

A's horas...

As comissões paroquiaes republicanas e as juntas de paroquia de Lisboa, em reunião conjunta efectuada esta semana, deliberaram que uma comissão se avistasse com os srs. prasidentes das duas Câmaras a fim de lhes comunicar que as consideradas comissões partidarias viam com desgosto o desinteresse que o Parlamento tinha manifestado perante as suas reclamações, especialmente contra a falta de remodelação da lei do registo civil, limitação dos ordenados a funcionarios publicos, lei das acumulações, e, sobretudo, contra a creação de logares fartamente remunerados, como os logares de inspectores consulares, etc. Mais resolveram delegar na meza que dirigiu os trabalhos, o encargo de se entender com o Directorio e com o sr. presidente do conselho, sobre o paradeiro de 90 contos de subscrições publicas para as vitimas da revolução, bem como sobre a aplicação que essa verba tem tido, pois que os revolucionários mutilados continuam na maior miseria, sem que pela Assistencia Publica nem pelo referido fundo tenham recebido um justo e necessario auxilio.

Chama-se a isto andar ás horas. O que se torna doloroso, porém, é que as comissões da provincia, auxiliadas por todos os elementos republicanos, não enveredem pelo mesmo caminho e, numa acção comum, façam sentir aos responsaveis pela degringolade vergonhosa a que temos assistido, que o prestigio da Republica lhes impõe outra maneira de proceder diferente daquéla que o povo condena e a razão desaprova.

A vêr se néssa gente lá do alto entra de vez o juizo...

Deo gratias

O encerramento do Congresso, que só voltará a reunir em 5 de Outubro, dia da posse do novo presidente da Republica, é um facto consumado. Na terça-feira fecharam-se as portas do velho casarão de S. Bento e os legisladores, na sua grande maioría, partiram direitos cada um á sua terra visto estarem proximas as vindimas, que precisam fiscalisar, não vá suceder como em tempo a um vicioso orador e cronico parlamentar que ficou sem pinga de vinho por não querer arredar pé do logar que ele considerava o seu posto, mesmo durante as férias, que lhe serviam, para, em horas esquecidas, mirar e remirar a estatua de José Estevam erecta no Largo das Côrtes...

. . . .

Ha um *deficit* que anda aproximadamente á roda de dez mil contos, mas em compensação o Parlamento creou muitos logares novos, alguns dos quaes se destinam, segundo vêmos na imprensa diària, a deputados, não obstante a situação dificil que o país atravessa e as condições em que a Republica se encontra perante os seus inimigos.

Só por isso, quão grande deve ser o regosijo dos que sabem conhecer o perigo da maioría duma câmara a que falta tudo, inclusivate a noção do patriotismo.

Avaliamo-lo pelo nosso...

O **Democrata** *é o jornal de maior tiragem e circulação e* **mais barato** *que se publica na séde do distrito de Aveiro.*

Deliberações camarárias

Em reunião do Senado Municipal, na terça-feira efectuada, ficou unanimamente aprovado a efectivação dum emprestimo de 40 contos para com eles pôr em prática parte dos melhoramentos com què a edilidade aveirense pretende dotar a cidade, principiando pela distribuição e canalisação da agua, construção dum cemiterio, dum matadouro e retrétes publicas, obras já orçadas e a que a câmara conta dar principio apenas se ache habilitada com os capitaes que vai pedir unica maneira de fazer alguma coisa.

Na mesma sessão foram fixados os ordenados ao chefe de secretaría e secretario da administração do concelho, conforme determina a lei, não nos passando de todo despercebido o jogo feito ao dividir o bôlo e a vontade de alguns senadores em distribuir á farta o dinheiro do povo pelos que menos trabalham, quando na altura se começava a falar em economias julgadas indispensaveis para fazer face aos encargos do emprestimo.

Sistêmas de administrar.

Á excursão de Pombal

Não se réalizou a que a Direcção da Sociedade Filarmonica Artistica Pombalense tinha projectado a esta cidade, o que lamentâmos, pois ser-nos-ía imensamente grato receber no nosso seio os excursionistas que se lembraram de Aveiro para passarem um dia alheiados da labuta quotidiana.

MINISTRO DA GUERRA

Com curta demora esteve em Aveiro o sr. Norton de Matos que, com os seus ajudantas, anda visitando as escolas de repetição no norte.

OPINIÃO INSUSPEITA

Os ultimos vinte anos de monarquia descritos por um monarquico

"Portugal jazia na lama; a revolução limpou-o, ergueo-o, impo-lo num arranco,,---assevéra Rocha Martins

Já sabem os leitores de quem vamos falar. Rocha Martins é aquele *convicto* monarquico que ainda a semana passada publicava em Lisboa o *Jornal da Noite* onde constantes apêlos eram feitos aos *patriotas* para derrubarem a Republica, regimen que o mesmissimo cavalheiro serviu como tantos outros do seu estôfo, chegando a dedicar-lhe um artigo soculento, que veio insérto no *Almanaque Palhares para 1911*, e do qual para aqui destacâmos alguns trechos, dos que melhor se prestam a pôr em relêvo a psicologia politica do correligionario do Conde de Agueda e quejandos charlatães de que várias vezes nos temos ocupado nas colunas do *Democrata*.

Começa o artigo referido por descrever a excitação da opinião publica em seguida ao *ultimatum*, fazendo depois a historia da revolução de 31 de Janeiro e do seu malogro; todavía onde as opiniões e as frases do atual subdito de D. Manuel começam a interessar é no periodo que segue a revolução do Porto e vai até 5 de Outubro, pelo que, sem mais preambulos, cedemos a palavra ao socio da grei restauracionista:

Decorreram vinte anos. A derrota parecia ter feito calar todas as bôcas, roubar o vigor a todos os corações. Os homens que se tinham batido pela Republica estavam no cativeiro africano. Leitão e Coelho, Chagas e Verdial, os sargentos e cumplices da revolta, pagavam caro a insubmissão. Emudecera-se. A *lei das rolhas* aplicava-se á imprensa e ás consciencias; as bôcas sufocavam gritos; todos começavam a recear do visinho e a sociedade portuguêsa apresentou nesse largo periodo o aspecto corrupto de todas as épocas de dissolução.

Não se debatiam causas, mas interesses. Os altos politicos davam as mãos para um regabofe constante em que sempre havia que distribuir. Enquanto um partido estava no poder, o outro governava no Credito Predial e desta fórma, **tapando uns as chagas dos outros,** calavam-se todos os tripudios. O mar de lama aumentava; ía formar-se o atoleiro monstruoso.

Os homens de real valor, deante da caterva que se via subir, dos insignificantes que acaudilhavam os ministros, em frente destes mesmo, afastavam-se enojados. Viu-se então, como no tempo de D. Maria I, chamar verdadeiras nulidades para dirigirem a nação. O Parlamento foi durante muito tempo como um circo onde os presidentes do conselho pareciam vestidos nos trajos excentricos de Walter em vez de estarem metidos nas suas fardas bordadas. Não aparecia um vislumbre de talento, cometiam-se as mais completas irregularidades, e a gramatica dos preceitos era tão irregular como as suas acções. Mentira constitucional mais completa não se viu em parte alguma; dirigentes mais ineptos nunca existiram. O bando bacharelado de politiquêtes rojava-se aos pés do poder, esperando tambem lá chegar e sobre tudo isto **o rei era o simbolo vivo duma nação que dia a dia mais se corrompia.** Era o responsavel apesar da sua irresponsabilidade. Deu-se então a tragedia de 1 de fevereiro: **um mar de sangue real derramado em holocausto á liberdade.**

Ficou o filho mais novo, **essa creança,** a quem se vestiu uma farda de generalissimo, á frente da nação e em **volta dela os mesmos politicos ineptos, os mesmos ambiciosos vulgares.** Os homens que não sabiam dirigir as suas casas buscavam dirigir a nação.

Avançava por demais **a reacção religiosa,** que sempre se afirma nas sociedades em decomposição como sobre os corpos putrefactos se lançam os abutres. Desde o tempo de D. Miguel, rei do absolutismo, que não se viam tamanhas audacias.

O clero saía á rua a combater; falava alto nos seus jornaes como se soubésse ter na rétaguarda uma legião. Era o **jesuita** que o acompanhava na sombra. **Bispos zombavam do poder civil;** clerigos clamavam contra os governos constituidos e no meio de tudo isto o **partido republicano unido e disciplinado** ía fazendo a sua activa propaganda, ía levando aos corações a **certêsa** de que havia ainda **um futuro a tentar** e aos cerebros a ideia precisa de se tornar necessaria uma rebelião. **A Republica tornava-se querida; os seus homens eram como idolos.** A sociedade monarquica não via esse avançar de legião. Era a cegueira da estupidez que a atacava e **a monarquia pagaría com a sua quéda** a casta de servidores que escolhera. **A crença num futuro melhor dentro das instituições morrera;** nas sucessivas subidas de ministerios via-se apenas a serie dos imbecis atafulhados em honrarias, e o país, indignado, via todo esse final de feira **aperrando as carabinas com que devia acaba-lo.**

Ao cabo de algum tempo as gargalhadas que se soltavam dean-

te das imbecilidades governativas soavam cavamente como ameaças e a dissolução avançava com os bancarroteiros tornados senhores supremos, com amigos feitos traficantes, com a sombra do poder cobrindo todas as **ignobeis cousas que se deviam esconder nas células penitenciarias mas que se acolhiam na sombra do trono oscilante.**

Quando se falava em Republica a sociedade monarquica, cheia, feliz, refastelada nas cadeiras do poder, ria mais alegremente, sentindo ainda que o banquete lauto duraria ainda algumas gerações.

Mas uma grande rêde de conspirações se estabelecera. Os governadores dormiam á solta, contando com as baionetas, enquanto élas iam sendo aliciadas pela carbonaria; metiam-se na conjura os homens do povo, os pobres operarios dos vários bairros da cidade e iam cheios de fé realizar a obra de demolição. No exercito havia a descrença; a maioria dos oficiaes, sem o treino das batalhas, vivendo amanuensados numa época de paz, sendo pouco afeitos aos encontros sangrentos, contavam com a disciplina; os soldados, porém, recebiam a propaganda dos sargentos e sonhavam em saír para fazer alguma coisa de novo. O Directorio republicano, as comissões especiaes, a carbonaria, as juntas revolucionarias trabalhavam ativamente e a marinha, suspeita de republicana desde ha muito, propunha-se a derimir a questão.

Dias antes, no Bussaco, **o rei julgava ter conquistado o exercito** com esse arremêdo de parada, **com a sua vosita fraca a querer alterar-se num discurso.** A resposta teve a naquele vozear rijo e altivo dos canhões que, rompendo as paredes do paço real, o avisava do que **o exercito ficára pensando a seu respeito.**

(Segue-se uma descrição rapida dos primeiros acontecimentos revolucionários e logo o sr. Rocha Martins ataca o episodio da fuga do rei):

No paço o rei entre a sua reduzida côrte, **tendo deixado num** *fauteuil* **a farda de generalissimo,** ouvia os conselhos que lhe davam, **essa fuga que ficou na historia como o movimento logico do descendente de D. João VI,** a quem não se exigia valentia, heroismos, mas o sacrificio da vida que todos fazem pelo seu ideal. Era a fuga que lhe aconselhavam e **o rei fugiu.** Em volta faltavam os generaes, os grandes, os militares, aqueles que assistiam aos bailes, ás festas, ás recepções com os peitos estrelados de condecorações. **Faltavam ali e nas ruas á frente dos soldados.**

(Vem depois uma descrição pormenorisada da revolução que terminou pelo triunfo da Republica, o delirio da população nas ruas, a *Portugueza* ecoando vibrante. E novamente o sr. Rocha Martins volta á carga):

No mesmo dia a familia real embarcava na Ericeira. O rei nem sequer lançou um ultimo olhar para as ribas que pareciam **separa-lo para sempre do resto do seu país,** da sua terra, do lugar onde nascera e se fizéra homem. O *Amelia* levava-o barra fóra e então, néssa travessia até Gibraltar, o soberano depois devia recapitular o seu agitado reinado de dois anos.

Toda a mediocracia dos seus politicos, dos seus generaes, dos seus cortezãos lhe devia lembrar. Eles tinham-lhe sorrido, tinham-se dobrado, tinham feito curvaturas exageradas de respeito deante da sua figura simbolica e o rei julgava tudo aquilo merecido e emanado da sua pessoa, a quem na hora do perigo abandonaram. E esse abandono, sendo pouco airoso aos olhos da Historia, têve o alto merecimento de não fazer correr rios de sangue.

Portugal jazia na lama; a revolução limpou-o, ergueu-o, impô-lo num arranco, chegando-se á realização do gesto energico que Antonio José de Almeida esboçára ao dizer no Parlamento, quando o expulsavam:

—Soldados! Com a minha voz e as vossas baionetas formaremos uma patria nova.

E' a Patria nova que vai formar-se, construida pela audacia dum punhado de bravos, pelos desejos de todos, pelo espirito colétivo ancioso de libertação e dum largo futuro.

A monarquia desmoronou-se; os seus servidores de ontem estão hoje diante da Republica e o rei exilado deve recordar-se que ha anos, quando da morte de seu pae e seu irmão, alguem, descrevendo-lhe a camarilha politica que o rodeava, a gente que o servia nos ministerios, marcando toda essa tragedia, concluiu por escrever:

Isto é uma lição de historia que serve muito mais para os principes do que para os povos.

O principe não quiz ouvir e **dignamente, ousadamente,** o povo libertou-se ao brado unisono de:

—Viva a Republica!

Rocha Martins

Que em toda a parte existem tartufos. Mas onde mais que em Portugal?

Providencias urgentes

Ha dias que sobre a cidade paira uma atmosféra pestilencial agravada especialmente ao caír da tarde e durante a noite com a serenidade do tempo.

Informam-nos que tão encomodo e perigoso cheiro provém de grandes quantidades de mexoalho pôdre, armazenadas nuns barracões sitos á margem do canal de S. Roque.

Absolutamente incompativel com a saude publica a existencia de fócos infeciosos désta natureza, solicitâmos do sr. Comissario de policia e da autoridade sanitária as imediatas providencias que o caso requer em proveito de nós todos e do bom nome désta terra, que parece transformada numa colossal comua.

Em nome de todos os principios da higiene pedimos que o caso seja tratado como deve ser e com a brevidade exigida.

Apurem-se responsabilidades

Consta que com respeito aos disturbios havidos por ocasião da festa de S. Bernardo, que terminaram por um crime de morte, nem todas as responsabilidades foram averiguadas o que, a ser verdade, bastante póde influir no julgamento dos criminosos, que nós queremos seja feito com a maxima imparcialidade e justiça no dia para isso designado.

A' autoridade competente levâmos, pois, este boato afim de ordenar novas deligencias, caso sejam indispensaveis, como muitos supõem, para completo esclarecimento da verdade.

Pedimos aos nossos assignantes que nos avisem sempre que mudem de residencia afim de que o jornal se não extravie e portanto o não deixem de receber.

Ainda Estarreja

O "Ovarense" ocupa-se novamente da demissão do nosso director do cargo administrativo que exerceu no proximo concelho

De relance é o titulo que encima um novo artigo de Telmo Jorge no *Ovarense* sobre os motivos que determinaram o afastamento do nosso director da administração do concelho de Estarreja, artigo que nos cativou tanto mais quanto é cérto ser dum velho republicano, como Telmo Jorge declara, e portanto incapaz de se guiar por outros principios diferentes daqueles que tornaram possivel o advento da Republica, a não ser que tivésse sido mordido pela varejeira que tanto tem esquentado a cabeça desmiolada de muitos que supunhamos mais criteriosos, hipotese que está completamente posta de lado.

Reproduzindo-o, duas coisas apenas temos em vista: agradecer a Telmo Jorge a expontaneidade com que se apresentou a fazer justiça ás nossas intenções e em segundo logar junta-lo ao nosso *dossier* como uma opinião que não deve ser separada das arquivadas em vários numeros do *Democrata*.

Fale, pois, o *Ovarense*:

Pessoa das mais queridas da minha vida teve o alto cuidado de me enviar *O Democrata* de 18 do mez passado, o qual transcreveu o meu artigo de o n.º 1:811 do *Ovarense* que se relacionava com o caso ocorrido em Estarreja entre os republicanos de ali e o sr. Arnaldo Ribeiro, director do mencionado *Democrata*.

Não tive a menor intenção de me tornar agradavel para com o ilustre director do *Democrata*, que nunca tive a felicidade de ver, ao dirigir-lhe as palavras que a minha consciencia me dictou e que tiveram a luz da publicidade apensas á epigrafe *De Relance*.

Hoje, volto novamente ao assumpto, não com largas miragens de me tornar agradavel seja de quem fôr, mas, unicamente, para completar o meu pensamento sobre o nobre procedimento de Arnaldo Ribeiro.

Antes de mais nada, tenho que firmar a minha identidade, politicamente, para não sugerirem suspeitas sobre o rabiscador deste *De Relance*. Sou republicano dos velhos tempos, desse tempo em que se soube combater os erros da monarquia com aprumo e sinceridade. Sou desse tempo em que os republicanos se contavam, sem mistura, como foi sempre esse republicano que esteve á frente do districto, dr. Domingos Lopes Fidalgo, que tão belamente soube ser recto nessa questão da Camara de Estarreja. Sou republicano, mas sem partido, não me rodeando o menor compromisso politico. Sou um neutro, que aprecia essa lucta que se desenrola em Portugal desde o Cinco de Outubro.

Essa referencia, que o *Democrata* se dignou fazer-me, sem outros motivos que não fossem os de se querer tornar agradavel, tem um fundo logico e positivo ao dizer: *Muito embora isso não agrade áquela parte de republicanos que se julgam no direito de praticarem quanta asneira lhes aflora ao bestunto avariado.*

Arnaldo Ribeiro, é, verdadeiramente, um homem á antiga! Com que desassombro fala nas colunas do seu jornal e se impõe pelos seus actos! Essa passagem do seu argumento ao meu artigo vale bem um poema revestido de justiça e verdade! As organisações sãs acabam, quasi sempre, por serem vencidas por *fieis patifes*... só duma *casta*!...

Volto novamente a ocupar-me desses casos ocorridos em Estarreja, convicto de que Arnaldo Ribeiro, justo como é, e demais republicanos leaes e sincéros, encontrarão nas minhas palavras a expressão sincéra da verdade. Todos que teem lingua e não falam em determinados momentos, com sacrificio mesmo da propria vida, quando observam a vilanía a campear desabridamente, cometem um erro palmar, tremendissimo erro que se transforma em crime! Não sou um exaltado, Arnaldo Ribeiro, que surge das trevas sem destino, mas, sim, um crente na luz que tudo transforma em bem! Esses, que por um momento o sujeitaram ás vicissitudes duma educação sem bases solidas, esses que cèrtamente não são de Estarreja, não mediram bem o alcance do seu espirito que tão alto atingiu! São extranhos, cértamente, ao concelho de Estarreja, esses republicanos que assim o obrigaram a proceder, como extranhos são estes de Ovar que já teem feito esperiencias de pirotecnicos de máu gosto, não havendo por aqui um Arnaldo Ribeiro que os metesse na ordem...

Eram extranhos a Lamego esses que, em uma reunião dos povos do concelho, atiraram bombas sobre os inofensivos que reclamavam os seus direitos ameaçados! E assim trinta mil exemplos existem por esta historia da Republica!

Aqui mesmo, em Ovar, nesta terra, que cértamente conhece, tem havido as suas coisas. Verdadeiras rapaziadas!... Rapazes extranhos a esta terra vareira teem levado a cabo coisas mirabolantes... Calcule o Arnaldo Ribeiro, em plena Praça, a lançarem ao ar um foguete *sem rabo* para amedrontar uns padres que dormiam alta noite num hotel... Coisas ridiculas!...

Essas ocorrencias de Estarreja e de que Arnaldo Ribeiro soube erguer-se a tempo, enodoaram esses republicanos que deixaram de caminhar para rastejarem um favor que era uma ignominia para os brios de Arnaldo Ribeiro!

Os meus encomios a Arnaldo Ribeiro pelo seu nobre caracter! E parece-me bem que se não fez a Republica para meia duzia deles!

Ela é nossa!...

Telmo Jorge

Romaria

Tem logar ámanhã, depois e na segunda-feira, no visinho logar de Verdemilho, a tradicional romaría da Senhora das Dôres a que ultimamente os proprietarios da quinta onde a capéla se acha levantada, os nossos amigos Lebres, déram extraordinario impulso, tornando-a cada vez mais atraente pela soberba iluminação, bôa musica e variado fogo que é de uso ali vêr-se todas as vezes que a pomposa festa se realiza.

Para este ano está encomendado ao distinto pirotécnico de Viana do Castélo, sr. José de Castro, um variadissimo fogo preso, de maravilhoso efeito, alta novidade, que ele proprio virá ámanhã queimar, esperando-se por esse facto e ainda porque a romaría da Senhora das Dôres de Verdemilho é uma das mais caracteristicas e populares dos nossos sitios, uma larga concorrencia de forasteiros mórmente se o tempo se conservar sêco, como tem estado.

Os primeiros ranchos de romeiros, vindos de fóra, já hoje atravessaram a cidade em alegres descantes se bem que o dia de maior afluencia seja o de ámanhã a avaliar pelo que se tem observado desde a primitiva désta grande festividade que tantos milhares de pessoas faz reunir durante a sua realisação.

Notas mundanas

Fez na segunda-feira anos o nosso querido amigo e conterraneo, sr. Francisco Vieira da Costa, ausente em Loanda, a quem felicitâmos, enviando-lhe um afectuoso abraço.

Tambem os fez na quarta-feira a sr.ª D. Maria Ludovina Gamélas.

Depois de ter visitado Aveiro e os seus arrabaldes, como Angeja, Loure, Ponte da Rata, Agueda, Barra, Costa Nova, etc., seguiu com sua esposa para Coimbra o sr. Augusto Salazar de Eça, ha pouco chegado da Africa Ocidental.

Deu á luz uma creança do sexo masculino a sr.ª D. Maria da Graça Vasconcélos, esposa do digno professor oficial de Pecegueiro do Vouga, sr. Alexandre de Vasconcélos.

Os nossos parabens.

Chegaram á Costa Nova do Prado os srs. Julio Martins de Almeida, José Guerra, Amadeu Madail, dr. Eugenio Couceiro, Domingos Rei Neto e respectivas familias.

Retirou inesperadamente dali o sr. José Rodrigues Ferreira.

Recebeu o nome de Manuel Branco Lopes o primogenito do activo gerente da Sucursal dos Grandes Armazens do Chiado, sr. Francisco Pereira Lopes.

Regressou com sua esposa, de Caldelas, o sr. dr. André dos Reis.

De Vizela veio a sr.ª D. Maria Trancoso Gamélas.

Parte por estes dias para Coimbra acompanhado de sua esposa e filhos, o sr. major Pires Moreira, que durante o tempo que viveu em Aveiro—e não foram poucos anos—soube conquistar pelo seu caracter recto muitas simpatías não só entre os seus camaradas mas ainda no elemento civil.

Desejâmos-lhe boa viagem e todas as felicidades de que é digno.

Partiu para a praia de S. Jacinto o sr. João Maria Pereira Campos.

A grande guerra

RETIRADA DO EXERCITO RUSSO

A proposito do recuo que o exercito russo está operando em alguns pontos da extensa linha de combate, escreve um oficial austriaco o seguinte, por todos os motivos bem digno de registo:

Esta retirada é uma obra prima de devastação que nos recorda a retirada de 1812. Um mar imenso de chamas marca a linha de recuo. As estradas por onde avançamos, são iluminadas por mil casas ardendo como fachos.

Proximo de Sokal, nos arredores do convento de Saint-Bernard, duzentos tectos incendiados indicam o local onde estava um imenso hospital militar. Os russos levaram os feridos e largaram fogo ao hospital.

O exercito do general Mischnoff é seguido de destacamentos de cossacos encarregados de fazer uma muralha de chamas na frente dos invasores. Quando os *honweds* hungaros tomaram Prilow, todas as ruas ardiam, e não pudéram aproximar-se da cidade por causa do intoleravel calor. Tambem quando chegámos a Waldimir-Wolinski, esta cidade ardia e ao longe, via-se Verba, tambem já incendiada; mais distante ainda, inumeras aldeias num mar de fogo que se estendia por toda a planice de Wolinski-Kowel.

Durante muitos dias, os austriacos não encontraram refugio algum ou auxilio nas regiões que ocuparam, sendo ao mesmo tempo indiscritiveis as condições dos caminhos. Era necessário fazer tudo de novo. Poucos habitantes que não tinham sido expulsos pela retirada russa, assistiam á invasão, muda de terror e horror.

Não ha na historia tragedia alguma similhante á que se passa na Russia ocidental. Nunca uma região tão grande e povoada foi sacrificada para salvar a sorte de um imperio.

Os alemães marcham igualmente num deserto, entre ruinas e incendios tendo nos olhos a visão do enorme perigo que poderá apanha-los no interior do país.

Em toda a frente, os russos preparam uma pavorosa cilada na pavorosa solidão, destruição e morte. Quasi dez milhões de habitantes são levados para o interior da Russia. Quasi todas as cidades foram incendiadas, todas as aldeias destruidas, tanto na Polonia como nas provincias do Baltico.

Não nos enganamos supondo que todos os receios indicados, brévemente se tornarão em horrorosa realidade. Os fumos das efemeras vitorias austro-alemãs na frente oriental muito cêdo se transformarão no louco desespero duma derrota sem mêdo.

Dirá o tempo quem se engana.

UMA BURLA

Ao comissario geral de policia do Porto um pirotécnico, um iluminador e um fabricante de aerostatos apresentaram na terça-feira a seguinte queixa:

Forneceram, por encomendas, ao director da revista *A Nova Patria*, que se assina Comte Henry, artigos das suas industrias, na importancia respectivamente, de 100$00, 110$40 e 18$50, para o festival realisado por aquéla revista no dia 29 de Agosto ultimo no Palacio de Cristal.

Como apresentassem as suas contas, que não foram satisfeitas, e vissem nos jornaes noticias fazendo crêr que estavam liquidados os fornecimentos, e ainda o facto de não ser encontrado o promotor do festival, julgam-se vitimas de uma burla e por isso reclamaram a intervenção da policia.

O tal Comte Henry tambem é conhecido em Aveiro onde tem vindo em propaganda da sua revista *patriotica e republicana*, conseguindo fazer-se acreditar.

Sempre ha cada um...

TENENTE ARAGÃO

De visita a vários camaradas de cavalaria 8 esteve em Aveiro o bravo militar, que em Africa se salientou por fórma a tornar-se querido de todos os portuguêses.

DETENÇÕES

Foi preso ante-ontem no logar de Aguas Bôas, concelho de Oliveira do Bairro, Manuel Marques da Costa Junior, o *Gago*, gatuno de alta escola e com largo cadastro, natural de S. Bernardo.

O *Gago* já respondeu por diferentes vezes e das prisões que conta, a penultima, foi efectuada em Espinho, no fim de Abril, pelo crime de burla e de andar armado, sem licença, com um revolver que o guarda captor lhea preendeu.

Sendo néssa ocasião enviado ao juizo de direito da comarca da Feira, arrombou a cadeia e evadiu-se para andar a monte até esta data em que inumeros e importantes furtos praticou nas terras que percorreu, não lhe escapando até uma bota que encontrou num galinheiro recheada com 60$00, decerto a *penosa* de mais valor que tem encontrado na sua vida de *artista* empalmador.

* * *

Tambem de Lisboa veio debaixo de prisão aquele garoto que estava ao serviço da *Casa da Costeira* e que tendo recebido do patrão o jogo da lotería para a venda na rua, se ausentou sem fazer contas.

Chama-se Sebastião Gonçalves Andias, tem 15 anos e espera agora, no comissariado de policia, o destino indicado pelas suas aptidões.

Correspondencia

Recebemos uma de Eixo a que não dâmos publicidade por lhe faltar o nome do autor.

CARTA DUM Expedicionario

Lubango, 28 de Julho

Chegados aqui, vindos de Mossamedes, ha algumas horas, de novo recebemos ordem para partir com destino ao Humbe onde presentemente se está fazendo a concentração das forças.

Serão 17 dias de marcha penosissima e ininterrupta, eguaes, ou quem sabe se peores, áqueles que experimentámos, atravessando as serras de Chéla, Chacuto, Chibia, uma volta enorme e dificil, agravada intensamente por falta de mantimentos, de agua e do mais insignificante conforto.

Triste, profundamente triste é dize-lo!

Tenho, porém, nos meus resumidos apontamentos, logares, datas e horas precisas, devidamente indicadas para que me não possam desmentir. Durante tres dias sucessivos comemos pequenos pedaços de chouriço e no quarto uma bolacha a cada homem, para variar o prato de resistencia!!!

Tudo isto agravado por uma absoluta falta de agua que o calor asfixiante e o pó levantado pelo comboio, que se compõe de 18 carros alemtejanos, um carro sanitario e outro de ferramentas, onde vou, é dolorosissimo.

Das 10 ás 16 horas o calor mortifica-nos intensamente, percorrendo-se muitos e muitos quilometros sem um abrigo, sem uma sombra que intercepte os raios solares que constantemente sobre nós incindem numa persistencia que chega a perturbar.

A' noute frio, algumas vezes bem intenso, como em Macangai onde supuz que estava por aí, em pleno Janeiro!

O que me valeu e aos meus camaradas foi o *bélo quarto e cama* que conseguimos obter: o chão dum mato, tendo por této o carro, e roupa a que trazemos vestida, com o respectivo capote, que fôra o nosso inseparavel companheiro nessa noute como em todas que se hão-de seguir.

Acêsas as fogueiras principiamos de ouvir em alguns pontos a infernal orquestra na qual o rei das selvas tem o melhor papel; e, emquanto o nosso espirito vôa até aos entes queridos que tão longe estão, recordando com infinda saudade os leitos onde tantas noutes dormimos tão comoda e confortavelmente, o cansaço vence-nos e o sono invade-nos, dormindo algumas horas independente da cama *fôfa*, que nos deixa moido o corpo e bem refrescados por as *janélas* que ficam abertas, nos quatro lados da... *alcofa*...

Todavia, ao toque da alvorada, todos estão nos seus postos prontos para encarar a situação, decididos a ir até ao fim, refeitos de todas as faltas e necessidades que bem podiam ser evitadas, se cada um tivésse a consciencia do seu dever.

Passam-se dias sem pão, sem café—porque confundiram os sácos com os do sal!—sem vinho—porque veio vinagre!

Na praia, em Mossamedes, milhares de caixotes atirados á areia, apodrecem e inutilisam-se ao calor torrificante do sol!

Não ha onde armazenar esses milhares de volumes, que assim se inutilisam estupidamente, consumindo-se dezenas de milhares de escudos sem o mais insignificante proveito, emquanto por aqui andamos sem pão, sem água, sem nada!

Onde estão os responsaveis de tudo isto?

Quem responde pelos resultados de toda esta criminosa indiferença, por este mais que indigno abandono que tão duramente se reflete nos que, ungidos pelo sacrosanto amor da Patria, aqui sofrem as inclemencias, as miserias directamente resultantes do criminoso e revoltante abandono em que tudo isto se encontra?

Apesar, porém, de todas estas fadigas e trabalhos, que nunca imaginei passar, assim como tantos outros que comigo seguem, sinto-me bem e resolvido a ir até onde as forças me levarem, cumprindo integralmente os meus deveres de soldado e de cidadão e esperando voltar ao nosso querido Portugal quando regressar o meu regimento com quem—tenho fé—heide entrar no seu quartel, no Porto, como com ele de lá saí, em Janeiro findo.

Se houvésse a alimentação precisa, ao menos a indispensavel, tudo correria melhor e o penoso das marchas tornar-se-ía mais suave. Durante algumas, o solo, que percorremos, é tão desigual e pedrogoso, que os carros voltam-se e as muares vão caíndo mortas de sêde e de cansaço, chegando-se a abandonar os carros por não haver tracção!

Na nossa jornada de Mossamedes aqui, morreram 17 mulas! O que será daqui até ao Humbe?

No Chacuto, onde tivémos demora dum dia, refizémo-nos, comendo e bebendo com a vontade de quem durante 16 dias não teve o menor conforto. Ali as galinhas são a 6 centavos cada, havendo muita caça, especialmente rôlas, que são aos milhares. No Huila, onde entrámos á meia noute, lá nos fomos estender debaixo do carro, para não alterar *habitos* adquiridos, indo no dia seguinte visitar a missão francêsa que aqui está magnifica e cuidadosamente montada, e da qual fazem parte alguns padres portuguêses que a ela se acham agregados.

Bôas oficinas para serralheiros e ferreiros, tipografia, escolas, uma grande horta bélamente cultivada seguida dum vasto pomar que é um verdadeiro encanto, etc.

Troquei impressões com muitos dos padres portuguêses e francêses, bastante instruidos, falando das nossas cousas como falam nas deles, da guerra europeia, brilhando nos olhos a chama ardente da fé na vitoria final da sua béla França e de todos os povos que a ajudam e se batem pelo triunfo da Democracia e da Justiça. No melhor da conversa, ouve-se o sinal de partida e deixando Huila entrámos no dia seguinte no Lubango, ultima *étape* desta peregrinação forçada e tormentosa.

Esperavam-me aqui noticias de todos os meus, de amigos queridos e grande numero de jornaes entre os quaes os que continham minuciosos informes e detalhes da estrondosa vitoria eleitoral do Partido Republicano Português. Tambem aqui soube da rendição dos alemães aos inglêses, final da grande luta dirigida pelo general Botha.

Foi a mais completa e real biqueirada que Botha tem dado em toda a sua vida!

Lubango lembra-nos um retalho de Portugal. Ha muitas brancas, algumas bem simpaticas, assim como brancos, o que tudo vemos com prazer.

Estamos, forçoso é reconhece-lo, numa situação que, defrontada com a anterior, nos leva a supôr tudo... optimo!

Entrarão ámanhã os carros na oficina para o respectivo concerto, que todos precisam. Depois—a caminho!—e... o que Deus quizer, como diz o adagio.

Até á primeira.

A. B.

Colégio de Nossa Senhora da Conceição

A escassez de espaço anunciada pelo tipografo, inibe-nos de dar hoje começo á descrição dos trabalhos expostos neste colégio pelas numerosas alunas que o frequentaram durante o ano lectivo findo, pelo que transferimos para a proxima semana o grato compromisso que tomámos no ultimo numero deste jornal.

O DEMOCRATA

Assinaturas

(Pagamento adeantado)

Ano (Portugal e colonias)	1$20
Semestre	$60
Brazil e estrangeiro (ano) moeda forte	2$50
Avulso	$02

Anuncios

Por linha	4 centavos
Comunicados	2 »

Anuncios permanentes, contrato especial.

Toda a correspondencia relativa ao jornal, deve ser dirigida ao director.

Uma vitima do 14 de maio

Ha em Lisboa um homem que se chama Antonio José Jára e que hoje vive na maior miseria, sem poder angariar, como até ha tempos fez, o sustento proprio e dos seus, por ter tido a candura heroica de amar a sua Patria e a sua Republica e, julgando servi-las, ter exposto á metralha, um dia, desinteressadamente, a sua vida. Foi em maio. Lembram-se? Rebentára a insurreição contra a ditadura que tantos senhores expulsára dos seus lugares e que parecia, consciente ou inconscientemente, ir entregar tudo isto ás garras dos monarquicos. Lisboa, com os olhos febrís, despertou ao soar do canhão. Era a hora decisiva, a hora dificil em que tantos revolucionarios tremem como varas verdes e sentem os suores frios dum pavor sem limites. Antonio José Jára, que até então vivera sobretudo para si, para sua esposa e para seus dois filhos, *sente* que acima da familia e do lar ha o lar e a honra de todos—e quando tantos se acovardaram ele deixou o aconchego do lar para se bater. No Arsenal de Marinha um estilhaço de granada decepou-lhe uma perna e inutilisou-lhe uma das mãos. Estava mutilado. Que importava, se a sua causa vencera, se, finalmente, o seu sangue ajudára a redimir e consolidar a sua Republica, derruindo a ditadura que tantos senhores expulsára dos seus lugares e parecia, consciente ou inconscientemente, ir entregar tudo irto ás garras dos monarquicos? Sentia-se, no meio da sua desgraça, orgulhoso e calmo. Cumprira o seu dever. Na terra portuguêsa iría, com certêsa, alguem, garantir aos seus filhos, com um pouco de compensadora justiça, o que o seu braço de trabalhador já não podia conquistar para eles. Crêmos que estava disso tão cérto o heroico sacrificado que temos a convicção de que na hora em que entrou, mutilado, em casa, beijando sua mulher e seus filhos, a sua face pálida sorria.

* * *

Durante quatro mêses Antonio José Jára recebeu para seu sustento e da familia a fabulosa quantia de trese escudos. Agora, a Assistencia decidiu fornecer-lhe três escudos mensais! E' a caridade da Republica, desta Republica em defêsa da qual ele se sacrificou e que prontamente reconduziu aos lugares todos os funcionarios que deles tinham sido expulsos pela ditadura, pagando-lhes como se os tivéssem servido sem interrupção. Mas estes miserrimos tres escudos que a caridade oficial arremessa á mão mutilada de Antonio José Jára queimam-na como ferro em braza e são para o regimen uma vergonha imensa. Enquanto o Parlamento vota a toda a pressa projeticulos criando lugares de encomenda para quanto bicho carêta para aí cacareja árias de duvidosa dedicação pela Republica, não ha senão uma esmola para o revolucionario sem mêdo e sem mácula que numa hora agonisada derramou pelas instituições o seu sangue. Este caso é dolorosamente sintomatico na sua trágica algidez. Dir-se-ha que esta Republica é um logradouro exclusivo de *senhores* e que já hoje, para quantos mandam nésta terra, não valem nada, não são ninguem, aqueles que tornaram possivel o seu regabofe de pequeninos Sardanapalos. Parece que, em sintese, isto não é uma patria governada por uma Republica a valer, mas uma roça onde tressuam escravos para sustentar o cinismo réles e a ingratidão imunda de quatro ou cinco duzias de farçantes, de *tubarões* e de tiranêtes. O caso de Antonio José Jára parece demonstrá-lo. De resto, não é unico. Antonio José Jára é um simbolo.

Tem razão o nosso presado coléga lisbonense *O Povo* donde extraímos este sugestivo artigo. Tem carradas de razão e por isso o acompanharemos sempre que de viseira erguida apareça a combater as *cinco duzias de farçantes, de tubarões e de tiranêtes*, tão prejudiciaes á Republica, que a comprometem a cada passo e estão fazendo com que muitos se desinteressem e abandonem a politica pela grande, enorme desmoralisação a que se chegou.

Entendemos que *O Povo* e todos os jornaes republicanos, onde escrevam verdadeiros, autenticos democratas, prestarão um altissimo serviço demonstrando publicamente que o mal de que enferma o país não é do regimen, mas sim dos homens que fazem parte das *cinco duzias de farçantes, de tubarões e de tiranêtes*, a que o confrade lisboêta alude, e seus sequazes, para quem não deve haver comtemplações de especie alguma, inflingindo-se-lhe o castigo energico, duro, rijo por nós preconizado apenas os vimos deitar de fóra os tentaculos em seguida ao advento das novas instituições, á sombra das quaes pretendem encher se lançando mão de todos os meios ainda os mais indignos, vexatorios e repugnantes.

E', com efeito, tipico o que se está passando com o infeliz revolucionario Antonio José Jára. E porque assim o reconhecemos, e porque assim o devem ter reconhecido aqueles que, com a mira de interesse, jámais se salientaram propagando a bôa doutrina, eis o motivo que nos leva a tornar conhecido dos nossos leitores o artigo do *Povo*, que lhe diz respeito, tornando-nos com ele solidarios na apreciação feita aos *senhores* da Republica, que a expõem ás maiores provações, em vez de a engrandecerem, como naturalmente está indicado aos que adoptam e seguem os principios democraticos.

Falar claro, combater os erros, os crimes, as imoralidades que se veem praticando, com inaudito descaro, neste país de que as taes *cinco duzias de farçantes* querem fazer logradouro, é o que compéte á imprensa republicana muito embora os poluidos de caracter não gostem de semelhante franquêsa. Por isso, colégas do *Povo*, coragem e... a eles.

A chegada do regimento

Proximo das 8 horas de hoje regressou a quarteis da escola de repetição o regimento de infanteria 24 que atravessou a cidade ao som do hino da Maria da Fonte executado pela respectiva banda.

O aspecto dos soldados era magnifico.

Ao público

Constando-me que meu sobrinho José Pereira Kress de Carvalho tem, em meu nome, recebido quantias que dizem respeito á minha casa, declaro que não autorisei, nem autoriso o meu referido sobrinho a receber qualquer quantia, que me diga respeito, nem tão pouco a contraír qualquer divida cuja responsabilidade me possa pertencer.

Egual declaração faz seu pae.

Aveiro, 5 de Setembro de 1915.

Maria José Pereira Branco
José Pereira de Carvalho Branco.

O Democrata, vende-se em Lisboa na *Tabacaria Monaco*, ao Rocio

PÒR MOÇAMBIQUE

—(*)—

Cavando nas ruinas da Falperra de Manto e Corôa

Essa alvorada religiosa e santa que surgiu radiosamente nas longiquas paragens, annunciando o triunfo da Liberdade firmada nos mais altissimos principios da justiça, na fervura de paixões nobilissimas, era a aspiração absoluta, na mais devotada fé, que das ruinas da Falperra de Manto e Corôa onde a minha pobre e sincéra alma está cavando, fecundasse a prosperidade daquele abençoado sólo onde longos anos passei a minha juventude. Essas almas imaculadas que clamaram essa mesma liberdade, afogueadas numa radiosa explosão de patriotismo, liam nos olhares desses magnates, desses despotas que calcaram os direitos individuaes e o codigo sacrosanto da lei, que essa santa alvorada para eles repreentava uma visão por que tinham que desenrolar o lençol das suas famigeradas culpas, continuam, esses relapsos criminosos, esses batoteiros emeritos, esses ébrios incorregiveis a exercer os mesmos cargos administrativos que herdaram do tempo do absolutismo, cantando hinos de vitoria superlativamente na altura dos seus estandaes de crimes, crentes no tripudio de impunidade pelo artificio manhoso e infame das suas célebres habilidades. Os brados, os clamores de ali surgem constantemente em diversos jornaes, mas taes clamores, taes brados temse apagado ao sol torrido tropical, como bolas de sabão.

O' almas imaculadas, independentes e corações patrioticos!—Apontai-os novamente á justiça, clamae as sindicancias que se deliniaram após a proclamação da Republica aos seus actos para que se desenrole o tal lençol das suas culpas incorrigiveis, que vergonhosamente vão sendo toleradas! Vós, que repudiastes a esteira do passado para preparar a rota do futuro, não vos humilheis, não vos deixeis vencer, não vos deixeis esmagar e continuai denunciando esses famintos vampiros até que a justiça triunfe em prol da vossa santa causa.

A'lerta sempre contra os inimigos da Patria que aqui já tentaram novamente assalta-la com o intuito de apagar a razão, calcar a justiça e a liberdade de um povo, que trabalha incançavelmente pela conquista desassombrada do respeito do estrangeiro que precisâmos manter atravez de tudo.

Cóhowane

No Conservatorio de Lisboa

Neste estabelecimento do Estado fizéram exame do 2.º e ultimo ano de rudimentos da Escola de Musica, ficando aprovados, os alunos cégos: Francisco Martins, de Vilela-Seca (Chaves); Francisco Lopes, de Vizeu; José Carvalho, de Santa Quitéria de Meca (Alemquer); José Correia, de Faro e Serafim Joaquim João, de S. Bartolomeu de Messines.

Fez exame do Curso Geral de Piano (2.º ano), obtendo distinção, o aluno José Correia, de Faro.

Do 2.º e 3.º anos do mesmo curso de piano o aluno Joaquim Nunes Pinto, obtendo em ambos distinção.

Foi tal o entusiasmo que os exames de Nunes Pinto causaram ao presidente do juri, o insigne artista Rey Colaço que resolveu comunicar ao sr. Branco Rodrigues, fundador do Instituto, o desejo que tinha de dar lições especiaes a este aluno, porque descobriu nele uma invulgar vocação musical aliada a um grande talento. As lições começaram no dia 9 de Agosto.

Ao todo foram feitos dezeseis exames oficiaes, obtendo-se outras tantas aprovações, com seis distinções.

Este resultado prova á evidencia o gráu de adeantamento do ensino dos cégos no nosso país.

* * *

Tambem no Liceu Passos Manuel fez exame do 5.º ano de francês, obtendo distinção, o aluno Joaquim Nunes Pinto, de Arrentela (Seixal). Francisco Martins, de Vilela Seca (Chaves) fez exame do 5.º ano de português, ficando aprovado.

Assistiram a estes actos o sr. Branco Rodrigues, fundador do Instituto e a professora D. Luzia Guimarães, que foram felicitados no final pelo reitor do liceu e vários professores.

Nova empreza

Está, finalmente, constituida a companhia, de que já aqui falámos, para a exploração do negocio do sal em grande escala, tendo a maioria dos proprietarios de marinhas assinado o respectivo contrato num dos primeiros dias da semana preterita.

A séde da empreza é no Porto.

Necrologia

Vitimado pela tuberculose faleceu na segunda-feira o sr. Antonio Coelho da Silva, de 39 anos, solteiro e estabelecido com chapelaria na rua Direita.

Têve um funeral muito concorrido, sendo depostas sobre o feretro algumas corôas da familia e amigos.

Os nossos sentidos pêsames.

CARTAS DUM EXILADO

Ao padre Firmino Marques Tavares

IV

Era aí que deviamos jurar obedecer á mentira, passar privações por amor dum Deus que facilmente perdôa aos seus filhos queridos, que alimenta e consola.

Era aí, que sob os designios das Parcas, ouviamos proferir o *crê ou morres* ainda que seja contrário ás tuas crenças bem livres.

Era aí, que iamos entrar numa vida nova, longe do mundo e separado do mesmo por uma disciplina corrupta e esmagadora, e por muros inexpugnaveis que só a apostasia podia *vencer*, digo, escalar.

Era aí, que deviamos seguir as doutrinas da Igreja com todas as suas exigencias, o clero com o seu despotismo desenfreado, alastrando pelo universo a desmoralisação dos costumes, todos os vicios, todos os odios e a crassa ignorancia.

Era aí, que se me deparava o cumulo da ignomia, a sujeição ao erro, e a crença no impossivel.

Era aí, que eu via os companheiros de Inácio de Loiola, ensinando a hipocrisia, a mentira, o meio de vivermos na sociedade, iludindo e enganando, para expoliar a indigencia e a miseria, pois o fanatismo leva a esse crime, que devia perseguir sempre a consciencia amarfanhada desses côrvos repugnantes.

Passaram-se dois anos e eu ás voltas com o português, francês e latim, lingua esta para mim dificil, pois bem me deu que entender.

Não podia conceber no meu espirito, que para traduzir o latim e fazer bom português, era necessário saltar de deante para traz e vice-versa, o que me parecia dificultoso e um verdadeiro cáos.

E agora já eu meditava na compa

nhia saudosa dos meus, nos seus carinhos, nos osculos que nos dispensaram, quando no berço ainda, ou mais tarde, quando pronunciámos os nomes queridos de *pae*, *mãe*; era agora, que me recordavam os campos arvorisados e floridos, os passeios livres que por eles dava, admirando a creação, a naturêsa prospera e amiga, que tudo cria para nosso bem e para bem dos nossos; era agora, que reflectia na liberdade que me concedia todo o poderío da minha vontade, praticando as bôas obras para exemplo comum, reprovando assim o máu procedimento dos outros.

Liberdade! Liberdade! — quantos ha que te clamam bemdita e apregoam os teus meritos na sociedade familiar, elevando-te ao apogeo da gloria e da honra, te fórmam uma Divindade protectora do genero humano e, contudo, vivem oprimidos pela escravidão, pela obediencia e pelo fanatismo!

A cada instante perguntava a mim proprio porque razão estava enclausurado numa tão dura prisão em que mal se respirava uma atmosféra carregada e doentía. Era necessário recorrer á distração para esquecer os pensamentos criminosos daquela isolação constante, prejudicial á saude e á memoria fatigada pelo cansaço dos estudos forçados.

Uma vez naquele carcere, embergávamos uma batina, a negra sotaina, abominavel e odiada por todos, pois causa horror tanto luto, quando num ministro de Deus só devia existir a alvura, simbolo da purêsa.

O tempo foi-se passando, mergelhado no aborrecimento enjoativo de tánto jesuitismo e hipocrisia corrupta, tragada á porfia pelos ministros dos altares. Era tempo de abandonar essa carreira perigosa, edificada sem alicerces, e construida com argamassa desligada, que á menor rajada de vento sería derribada para sempre.

Decorreram os anos, até que surgiram dias felizes para a nossa Patria, o dia memoravel de 5 de Outubro de 1910.

Chegou a hora de libertar tanta escravidão oprimida por uns inaptos e injustos que se arrojavam de todos os direitos, embora ilicitos e reprovados.

Logo que no horisonte da vida apareceu o sol vivificador, foram extintos quasi todos os seminarios, pois eram recintos sómente dedicados á carreira eclesiastica. Esta extinção foi devida á grande obra do sr. Afonso Costa— Lei da Separação da Igreja e do Estado— verdadeiro legislador, eminente tribuno, estadista inegualavel, caracter récto e benigno, tornando-se digno do apoio de toda a nação pelo seu proceder honésto e exemplar e pelas sábias medidas de financeiro eximio. Foram excluidos desse desmoronamento cinco seminarios teologicos, e uns dois mais de preparatorios, num dos quaes se passaram tragicos acontecimentos que irei narrar, e vem dando origem á minha veridica palestra.

Devo ainda memorar que, nesse mesmo seminario, foi descoberta uma conspiração, cujos cabeças de motim foram expulsos inopinadamente, e alguns dos menos culpados foram castigados horrivel e severamente, causando isto indignação a todos os seminaristas. E' que a abominada hipocrisia de que era dotado um estudante, levou-o a acusar aos superiores faltas mais ou menos gràves, sendo este o inicio de tantos males e até mesmo a causa dum assassinato, se não fosse malogrado o *complot*.

Pará, 24 de Agosto de 1915.

Continua.

Avelino d'Almeida

CORRESPONDENCIAS

Alquerubim, 6

Tem sido lidos com grande interesse os jornaes de Lisboa e do Porto, porque todos desejam saber noticias da conspiração do norte do país.

Torna-se necessario que o Govêrno tome energicas providencias, para evitar estas arremetidas, que só causam sobresaltos e prejuizos. Se o sr. Bernardino Machado dér a amnistia aos actuaes presos que sejam conspiradores, tornarão eles a entrar em *cêna*. Mostram que não teem mêdo, e continuam.

=Chegou hoje a esta freguezia e acha-se hospedada em casa do seu sobrinho, o sr. Manuel de Oliveira Santos, a sr.ª D. Margarida Miranda, mãe da ilustre medica sr.ª D. Domitila de Carvalho, que está em Vidago.

Esta senhora espera-se que por aqui venha de visita a sua mãe e mais parentes que muito a estimam.

=Está concluida de alvenaria a torre da egreja. Hoje começaram os trabalhos do estuque.

=Tem sido muito louvadas as medidas do Govêrno, enquanto a trigos.

=Vão começar por estes dias as vindimas.

=Tivéram boa aceitação nésta freguezia alguns productos da fabrica de ceramica das Quintãs, propriedade dos srs. Duarte Tavares Lebre & C.ª.

Obra bem acabada, barro de 1.ª qualidade, modicidade de preço e seriedade nas transações— eis aqui o que consola os compradores.

C.

Anuncios

Alunas do Liceu e Escola Distrital

Senhora de respeito, viuva, recebe em sua casa, como pensionistas, meninas que frequentem o Liceu ou a Escola Distrital.

No Colégio de Nossa Senhora da Conceição, désta cidade, se dão informações.

Junta do Crédito Público

Inspecção Distrital de Finanças de Aveiro

Entrega da nova folha de coupons para os titulos de divida interna consolidada

São avisados os portadores de titulos com *coupons* da divida interna consolidada, que, na Inspecção do Distrito de Aveiro, entregaram até 31 de Agosto ultimo, as suas requisições para a nova folha de *coupons*, de que devem comparecer na mesma Inspecção nos dias 16, 17 e 18 do corrente, afim de receberem as folhas de *coupons* que requisitaram.

A entrega far-se-ha exclusivamente durante os dias indicados, sendo indispensavel a apresentação dos rostos dos titulos para que foram requisitadas as folhas.

Secretaría da Junta do Crédito Público, 3 de Setembro de 1915.

Pelo Director Geral

(a) **Alfredo M. de Avelar Teles**

Direcção das Obras da Barra e Ria de Aveiro

Aceitam-se propostas para o fornecimento de lenha e madeiras nas condições expostas na Secretaría da Direcção, sita na rua da Corredoura n.º 18, désta cidade.

A adjudicação será feita por um ano. As propostas deverão dar entrada na mesma secretaría até ao dia 17, pelas 12 horas.

A abertura das propostas far-se-ha pelas 12 horas e meia do citado dia 17.

As propostas para lenha e madeiras serão feitas em separado.

No mesmo dia e pelas 13 horas proceder-se-ha tambem á venda de 1.660 quilos de sucata de ferro e de 53 barricas de cimento, vasias, em harmonia com as condições patentes, em todos os dias uteis, na referida Direcção.

Aveiro, 7 de Setembro de 1915.

O Engenheiro Director,

José Celestino Regala